

A LEITURA LITERÁRIA DAS CRÔNICAS DE JOÃO DO RIO NA SALA DE AULA

Kalina Fernanda Cavalcanti Ferreira (1); Paula Daniele Torres de Castro Matos (2); Laudeci Simões Neto (3); Alessandra Gomes Coutinho Ferreira (4)

Instituto Federal da Paraíba (IFPB) -paulamatos.editora@hotmail.com
Instituto Federal da Paraíba (IFPB) -kalinafcf@gmail.com
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)-laudecijep@gmail.com
Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB) – alessandragcferreira@gmail.com

Resumo

Sabe-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais sinalizam que é fundamental o domínio da competência leitora e da competência escrita pelos estudantes da educação básica a fim de desenvolverem a criticidade e a autonomia, isto é, os jovens devem ser capazes de ler, escrever e interpretar os mais diversos gêneros e tipos de textos. Para isso, faz-se necessário que a escola promova o letramento literário em sala de aula, com o intuito de formar leitores críticos, garantir a fruição da leitura, humanizar leitores considerando o direito à literatura proposto por Antonio Candido (1995). Neste contexto, a crônica emerge nesse cenário escolar como um gênero literário que proporciona aos seus leitores o conhecimento do universo cotidiano a partir de uma linguagem subjetiva, carregada de emoções e sentimentos que desnudam os registros do dia a dia, “a vida ao rés do chão” como pontua Candido (1992). Entre os inúmeros cronistas brasileiros, optou-se pela leitura das crônicas de Paulo Emílio Coelho Barreto, mais conhecido pelo seu pseudônimo João do Rio, a partir da obra *A alma encantadora das ruas*, a fim de conhecer o cotidiano da capital da república brasileira no início do século XX, através de personagens que estavam nas margens da sociedade. Assim, esse artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de leitura literária das crônicas de João do Rio com o intuito de formar leitores literários, a partir da proposta de Rildo Cosson (2007) que utiliza a sequência didática como abordagem metodológica para o ensino de literatura.

Palavras-chave: Leitura literária, ensino de literatura, crônicas, João do Rio.

INTRODUÇÃO

Observa-se na sociedade contemporânea a necessidade que os indivíduos dominem a competência leitora, de modo que sejam capazes de compreender e interpretar os mais variados textos, sejam eles literários ou não literários. Nesta perspectiva, é preciso que os professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental e médio estejam atentos a sua prática de ensino a fim de fomentar o letramento literário na sala de aula, isto é, devem garantir o “processo de apropriação da literatura enquanto linguagem” (CEALE, 2014) pelos alunos. Esse tipo de letramento é importante para subsidiar a humanização nos indivíduos a partir da fruição, da emoção, da sensibilidade

e da reflexão, favorecendo o despertar da consciência.

Cabe à literatura “tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”.(COSSON e SOUZA, 2017, p. 102). Entre os vários gêneros literários, tem-se a crônica, que apresenta uma linguagem breve e concisa, além de discorrer sobre os fatos cotidianos apontando, algumas vezes, tonalidades críticas.

Neste contexto, esse trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de ensino que se inicie com a leitura literária das crônicas de João do Rio sobre a cidade do Rio de Janeiro – capital da república brasileira – do início do século XX a fim de formar leitores que conheçam o seu passado histórico através das narrativas literárias sobre uma cidade que se moderniza. Além de mostrar como a leitura das crônicas em sala de aula denota a importância do letramento literário, objeto de diversas pesquisas de Rildo Cosson.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para esse trabalho consistiu em uma pesquisa bibliográfica sobre as crônicas de João do Rio, a crônica como gênero literário e dos fundamentos do letramento literário a partir dos estudos de autores como Candido (1992; 1995), Silva (2011), Cosson (2007), Rio (1908) entre outros autores. A fim de produzir uma proposta de ensino de literatura, optou-se pela sequência didática de Rildo Cosson como abordagem metodológica para a leitura e análise literária de algumas crônicas de João do Rio, no livro, *A alma encantadora das ruas*. Essa proposta contempla quatro passos básicos e eficazes de uma sequência didática: motivação, introdução, leitura e interpretação com o intuito de despertar o gosto pela leitura literária das crônicas de João do Rio.

A CRÔNICA NA SALA DE AULA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

O verbete “letramento literário” do glossário CEALE (2014) destaca algumas características desse tipo de letramento. Trabalhar o letramento literário em sala de aula pressupõe o contato entre o leitor e a obra literária a ser lida por ele, a formação de uma comunidade de leitores mediada por um professor

leitor que compartilha experiências de leituras e amplia o repertório literário e cultural dos alunos envolvidos nas atividades de leitura literária desenvolvendo, assim, a competência literária.

Conforme Barbosa (2011):

Tomado o conceito de letramento, podemos, então, pensar o Letramento Literário como a condição daquele que não apenas é capaz de ler e compreender gêneros literários, mas aprendeu a gostar de ler literatura e o faz por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético. (BARBOSA, 2011, p.148)

O gostar de ler literatura e o prazer estético podem ser alcançados pela leitura de narrativas curtas, como contos e crônicas. Neste contexto, a crônica como um dos gêneros literários, ligado ao cotidiano, é uma narrativa que deve fazer parte do repertório dos professores que escolheram trabalhar o letramento literário para formar os jovens leitores.

Etimologicamente a palavra crônica está ligada ao vocábulo “*chronos*” (latim) e “*khronos*” (grego) que significa “tempo”, tendo a função de registrar os fatos do cotidiano. Consta-se que nas crônicas medievais a organização dos acontecimentos era feito em uma sequência temporal. Contudo, mesmo em virtude das modificações deste gênero ao longo do tempo, esta característica medieval permaneceu. Por muito tempo a crônica ficou conhecida como um gênero jornalístico, haja vista, até por volta do início do século XX, ter sua circulação principalmente nos jornais. Surgiu na França a crônica literária e no Brasil adquiriu características próprias.

Nesta perspectiva, a crônica é um gênero híbrido, pois transita entre a linguagem jornalística e a literária, e está presente em muitos suportes, o que facilita a sua leitura. Existem crônicas que mostram o que está acontecendo na atualidade, pois foi elaborada a partir de uma notícia, por exemplo. (DESOTI; CANTARIN, 2014, p. 5).

A crônica apresenta uma linguagem breve e concisa e além de discorrer sobre os fatos cotidianos, também traz à tona a crítica social. Para Antonio Candido (1992, p. 26) “é curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social”.

Desse modo, a crônica na sala de aula pode apresentar contribuições significativas para o ensino e para formação do aluno leitor, pois a experiência de leitura compartilhada pode desenvolver o caráter opinativo dos estudantes e promover a formação de consciência política e social nos

discentes, seja no ensino fundamental, seja no ensino médio através de temas como amor, ódio, felicidade, tempo, problemas sociais, modernidade, propiciando formação de leitores literários críticos e mais humanos.

A função humanizadora da Literatura, segundo Candido (1992, p. 13) “permite como compensação sorrateira, recuperar, com a outra mão, certa profundidade de significado e certo acabamento de forma que, de repente, podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição”, isto é, o ensino-aprendizagem da forma e do conteúdo das narrativas literárias a partir das experiências de leituras.

Assim, o trabalho com a crônica em sala de aula produzirá a leitura crítica de forma prazerosa, através de debates e conversas sobre o texto literário, o que faz refletir a respeito do que foi lido, favorecendo o desenvolvimento intelectual dos alunos e quem sabe o estímulo a produção de suas próprias narrativas literárias sobre os fatos do cotidiano.

JOÃO DO RIO E O OUTRO LADO DO “RIO” OU JOÃO DO RIO E A ALMA DAS RUAS

Paulo Emílio Coelho Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro em agosto de 1881 e morreu em 1921. Teve uma vida curta, porém muita intensa, deixando uma grande contribuição para a literatura brasileira como escritor e grande cronista. Além disso, caracterizou como um homem polêmico para sua época; demonstrando em seus escritos temáticas relacionados à sexualidade como prostituição, homossexualidade, impotência, entre outros; e temas ligados ao cotidiano como pobreza, riqueza, pessoas comuns, entre outros. Utilizou vários pseudônimos, mas o que o imortalizou foi João do Rio.

Segundo Costa (2011, p.64), o cronista João do Rio nasceu “no ano de 1904, quando definitivamente se incorpora às identidades da cidade e, no mesmo movimento, as identidades da cidade se incorporam na persona que ele cria.” O cronista em sua obra, *A alma encantadora das ruas*, reúne crônicas escritas em 1904 e 1907, publicadas em 1908. As crônicas retratam com toda a maestria as ruas da capital do Brasil no início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro que vivia a *Belle Époque* carioca, marcada pelo advento da modernidade.

Para que o progresso e/ou modernidade acontecesse foi realizada a reforma da cidade proposta pelo prefeito Pereira Passos

ocorrida no começo do século XX. Esta reforma foi moldada por ideias de urbanistas europeus, inspirados pela reforma feita em países desenvolvidos da Europa, principalmente, na cidade de Paris na França, tendo com maior inspirador o urbanista suíço Le Corbusier. Esta reforma, conforme Souza e Rodrigues (2004, p.37) “constituiu em diversas obras de alargamento de ruas, abertura de novas vias e embelezamento (construção de praças e jardins), na área central da cidade e suas cercanias”.

Desse modo, o Rio de Janeiro como capital do Brasil na época, pretendia equiparar-se as cidades dos países desenvolvidos, e tornar-se uma cidade moderna. Entretanto pelo fato da reforma ter sido autoritária, tendo em vista, sobretudo, o embelezamento da cidade que se pretendia moderna, proporcionou a exclusão de pessoas mais pobres, acarretando como consequência o desenvolvimento da favelização e da suburbanização.

É nesta conjuntura, que o cronista João do Rio se debruçou sobre a dualidade existente no cenário dessa cidade, mostrando a partir dos elementos do cotidiano, os dois lados do Rio de Janeiro. Assim, por meio da subjetividade, da sensibilidade e da sutileza narrativa, o cronista mostra os diferentes aspectos das pessoas que percorrem as ruas da cidade ao mostrar as belezas e as dificuldades que as pessoas enfrentam ao transitarem pelo passeio e pelas grandes avenidas recém-construídas. A rua é um lugar encantador, segundo o cronista, é o lugar por onde passam tanto a burguesia quanto os pobres e miseráveis.

Na crônica a “Rua”, João do Rio (1908) mostra que:

[...] Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flunar. É fatigante o exercício? [...] [...] Que significa flunar? Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flunar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, [...]. (RIO, 1908, p. 4-5)

Observa-se que o autor buscava ir além do gozo da modernidade afirmando que era preciso conhecer os dois lados da cidade; para isso deveria ser como um *flâneur*, palavra de origem francesa, que denotava uma pessoa desocupada, despreocupada, que andava pelas ruas a observar. Um observador deveria fazer isso a qualquer hora do dia, e examinar qualquer lugar e pessoa, desde o mais rico ao mais pobre. Dessa forma as pessoas não deveriam esquecer que com o “progresso” vinha também a miséria e

exclusão social. Como é bem observado na crônica, “Pequenas profissões”:

O Rio tem também as suas pequenas profissões exóticas, produto da miséria ligada às fábricas importantes, aos adelos, ao baixo comércio; o Rio, como todas as grandes cidades, esmiúça no próprio monturo a vida dos desgraçados. Aquelas calças do cigano deram-lhas ou apanhou-as ele no monturo, mas como o cigano não faz outra coisa na sua vida senão vender calçar velhas e anéis de plaquet, aí tens tu uma profissão da miséria, ou se quiseres, da malandrice — que é sempre a pior das misérias. (RIO, 1908, p. 29)

Nesta crônica o autor menciona e analisa as pequenas profissões, entre elas as dos ambulantes, como ciganos, selistas, trapeiros entre outros. Esta crônica descreve os ciganos como pessoas que vendem produtos velhos e falsificados garantindo ser originais, como eles usavam a malandragem para conseguir vender seus produtos; ao mesmo tempo que mostrou como essas profissões representavam o “produto da miséria ligada às fábricas importantes, aos adelos, ao baixo comércio”, ou seja, eram pessoas excluídas que em busca da sobrevivência faziam de tudo.

De acordo com Silva (2002):

Percebem-se através das crônicas, presentes na obra de João do Rio, que a miséria gerou tipos sociais que caracterizavam o cenário urbano público no Rio de Janeiro, como por exemplo, o vendedor cigano, os trapeiros, os selistas (que falsificavam selos), os caçadores (que caçavam gatos para entregar a restaurantes caros que os vendiam como coelhos) que ele chamava de pequenas profissões. Profissões essas que seriam as de enganadores, dos "malandros" tão repudiados pelos adeptos da Regeneração, mas que na verdade podiam ser observados como provenientes da exclusão e que faziam parte do funcionamento da cidade. (SILVA, 2012, p.6-7)

Outra figura urbana observada por João do Rio em suas crônicas são as mulheres. Na crônica “As mariposas do luxo”, ele narra literariamente o cotidiano das prostitutas, mostrando que estas também fazem parte da classe dos excluídos da sociedade carioca, vítima de um destino cruel. O autor afirma que enquanto muitos operários da cidade passam rapidamente pela rua para ir ao trabalho, estas mulheres passam devagar, sem ninguém notá-las, sonhando um dia saírem desta vida, que elas não escolheram.

[...] As raparigas ao contrário: vêm devagar, muito devagar, quase sempre duas a duas, parando de montra em montra, olhando, discutindo, vendo. [...] Elas, coitaditas! Passam todos os dias a essa hora indecisa, parecem sempre pássaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. Que lhes destina no seu mistério a vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição, que é a mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos. Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre a sua quimera. [...] São mulheres. Apanham as migalhas da feira. São as anônimas, as fulanitas do gozo, que não gozam nunca. E então, todo dia, quando céu se rocalha de ouro e já andam os

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

relógios pelas seis horas, haveis vê-las passar, algumas loiras, outras morenas, quase todas mestiças. [...] (RIO, 1908, p. 129-130)

As mulheres descritas não são merecedoras de respeito pelos que passam pelas ruas, elas são anônimas, pois não são consideradas gente, são excluídas; buscando uma fugacidade em olhar os luxos nas vitrines das lojas, que elas não têm condições de comprar. “A rua não lhes apresenta só o amor, o namoro, o desvio [...] apresenta-lhes o luxo.” (RIO, 1908, p.130).

Para os autores Lopes, Costa e Lucena (2011, p.142) é como se as mulheres estivessem localizadas “na porção mais profunda da estratificação social e este leque de ofertas para assumir a identidade que quiserem, é lhes negado. A identidade que assumem é a que lhe foram atribuídas pela falta de acesso a esta opção”. Outro ponto de destaque foi apontado por Paula, Sousa e Oliveira (2017, p.15): “É possível notar a visão irônica e, por vezes, esnobe do autor em relação às trabalhadoras que, ao voltarem da sua jornada diária de trabalho, passavam pela Rua do Ouvidor e ficavam admiradas com as vitrines das lojas de luxo.” Percebe-se, portanto, que João do Rio, relata em suas crônicas o outro lado da modernidade, isto é, o cotidiano moderno, mostrando às pessoas comuns que percorriam as ruas cariocas. Ademais, suas crônicas mostram que a cidade moderna, revelou com mais efervescência os contrastes sociais da modernidade.

A LEITURA LITERÁRIA DAS CRÔNICAS DE JOÃO DO RIO EM SALA DE AULA

Os grandes contrastes sociais do Brasil e os tipos humanos característicos do Rio de Janeiro, no início do século XX, poderão ser discutidos nas aulas de Língua Portuguesa a partir da proposta do letramento literário através das crônicas de João do Rio. A proposta metodológica escolhida consiste em um projeto de leitura literária de crônicas utilizando a sequência didática básica de Rildo Cosson (2007).

Nesta abordagem metodológica, o autor busca incentivar a leitura literária e a promoção de um verdadeiro letramento literário nos alunos, e que assim desenvolvam o hábito e o gosto pela leitura na escola ou fora dela. A sequência básica é dividida em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Esta proposta pode ser executada tanto no ensino fundamental II, quanto no ensino médio, contudo para esse trabalho, optou-se por uma atividade de ensino visando o 1º ano do ensino médio, ao considerar a diversidade temática e a adequação a faixa etária dos estudantes.

Neste contexto, o docente tem um importante papel, o de mediador no processo de leitura, para que assim possa além de incentivar momentos prazerosos de leitura, auxiliar nas eventuais dificuldades que possam surgir no decorrer do processo. Barbosa (2011, p. 156) pontua que:

Atuar como mediador no processo de aquisição de habilidades de leitura, inclusive do texto literário, é papel central do professor. Organizar o espaço da sala de aula, propor objetivos de leitura, fazer perguntas que facilitem o processo interpretativo, são formas de atuar positivamente nesse processo. (BARBOSA, 2011, p.156)

Cosson (2007, p. 62) enfatiza que:

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim para acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura. (COSSON, 2007, p. 62)

Ao iniciar a primeira etapa da sequência de Cosson (2007), a motivação, o professor poderá levar imagens que retratem a modernidade, músicas que mostrem o outro lado do progresso, que tenham como destaque os problemas sociais. Uma música que pode ser trabalhada em sala de aula como motivação para o tema é a canção “Problema social” do cantor Seu Jorge (2005) em que se percebem alguns dos gargalos sociais enfrentados pelas pessoas comuns e/ou os menos favorecidos:

Se eu pudesse eu dava um toque em meu destino. Não seria um peregrino nesse imenso mundo cão. E nem o bom menino que vendeu limão. E trabalhou na feira pra comprar seu pão. [...] [...] Mataria a minha fome sem ter que roubar ninguém. Juro que eu não conhecia a famosa Funabem. Onde foi a minha morada desde os tempos de neném. É ruim acordar de madrugada pra vender bala no trem. [...] (Seu Jorge, 2005).

O professor pode incentivar os alunos a relatarem suas impressões sobre a letra de música e sobre a musicalidade da canção, como também pode solicitar que os discentes desenhem suas impressões sobre a temática abordada a fim de verificar como os alunos apreenderam os dois lados da modernidade.

Na segunda etapa, a introdução, o professor falará de forma breve a biografia de João do Rio e o contexto de produção e de circulação de suas obras literárias, no caso “A alma encantadora das ruas”, evidenciando os motivos da escolha destas crônicas e a relação com a canção de Seu Jorge (2005). Os alunos devem estar atentos a linguagem

literária a fim de perceberem a leveza, a sensibilidade e os registros do cotidiano das ruas eternizados pelo cronista. A fim de ampliar a experiência de leitura do aluno, pode-se apresentar o vídeo “Cronistas do Rio - João do Rio” (27 min.) disponível no YouTube. A execução dessas duas etapas promoverá a contextualização da obra literária como preâmbulo para a leitura literária em sala de aula.

Na terceira etapa será o momento da leitura literária, logo, o docente levará para a sala de aula, os livros do acervo da biblioteca da escola, caso a escola disponha, e/ou cópias das crônicas de João do Rio. Para isso, é necessário que o docente leia junto com os alunos, valorizando o ritmo de cada um, seus conhecimentos prévios, para que assim estes possam sentir prazer pelo ato de ler. O professor poderá também propor a leitura dramática do texto, incentivando os alunos a utilizarem diferentes vozes para representar as personagens envolvidas, atribuindo sentidos ao texto e sendo leitores ativos ou tornando-se durante a leitura os “protagonistas de sua própria história”.

Conforme os autores Cosson e Souza (2007):

O conhecimento prévio é considerado por vários autores como a estratégia “guarda-chuva”, pois a todo o momento o leitor ativa conhecimentos que já possui com relação ao que está sendo lido. Assim, antes de ler, as crianças geralmente acionam conhecimentos prévios que podem estar relacionados às ideias do texto. A atividade de acionar essas informações interfere diretamente na compreensão durante a leitura. (COSSON; SOUZA, 2017, p. 106)

Na quarta etapa da sequência básica de Cosson, o momento da interpretação, o docente mediará o debate e a interação de toda turma. Para isso o professor utilizará perguntas que promovam a discussão das ideias e das impressões dos alunos sobre a experiência de leitura. Discutirão temas presente nas crônicas, como a modernidade, trabalhadores formais e informais, pobreza, prostituição, desigualdades sociais, entre outros; evidenciando que do mesmo modo que aconteceu no início do século XX na cidade do Rio de Janeiro, acontece ainda hoje, em pleno século XXI e em qualquer lugar do mundo. E que a dualidade entre o progresso e as desigualdades sociais, como mostrou João do Rio, tem nas ruas os grandes protagonistas das narrativas da vida. Por fim o professor poderá sugerir que os alunos comecem a observar o cotidiano das ruas de sua cidade, prestar atenção na forma como as pessoas agem socialmente e quais são as profissões mais comuns de serem observadas e incentivarem a escrever suas próprias crônicas através da escrita criativa.

Essa proposta de leitura literária das crônicas de João do Rio oportunizará vários momentos de aproximação do aluno com o texto literário, atendendo as Orientações curriculares para o ensino médio (OCEM) sobre o ensino de literatura que promova um “meio de educação da sensibilidade, como um meio de atingir um conhecimento tão importante quanto o científico, embora se faça por outros caminhos” (BRASIL, 2006, p. 52), os caminhos subjetivos e da criação literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esse trabalho, percebeu-se como o professor mediador ao escolher o gênero literário crônica e um autor como João do Rio pode incentivar a formação de alunos leitores e de comunidades leitoras a partir do letramento literário. As crônicas analisadas mostram a atualidade das grandes questões sociais brasileiras a partir da linguagem literária e do cotidiano das ruas do Rio de Janeiro do início do século XX. Assim, as crônicas poderão ser grandes aliadas do ensino de literatura por sua brevidade e pela subjetividade, isto é, utilizando a amenidade como estratégia narrativa, a ironia para discutir problemas sérios de forma leve.

Além disso, a abordagem metodológica de Rildo Cosson (2007) é adequada para alcançar a excelência de um trabalho que tenha como objetivo a leitura literária em sala de aula. As quatro etapas da sequência básica contribuem para a promoção do ato de ler literatura na escola. Ademais, não se pode deixar de destacar a importância da formação sólida do professor e que este seja, acima de tudo, leitor, favorecendo a formação de alunos críticos e mais humanos na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Begma Tavares. **Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem.** Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n.1, p. 145-167. Marc/ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-06.pdf> Acesso em: 27/03/2018.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino

médio; volume 1) ISBN 85-98171-42-5 1.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas; Rio de Janeiro: Editora da Unicamp; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CEALE. **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte, 2014. ISBN 978-85-8007-079-8. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/> Acesso 20/08/2018 às 16h.

COSSON, Rildo. “**A sequência básica**”. In: **Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSSON, Rildo. SOUZA, Renata Junqueira de. **Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>, acesso em 6/07/2017.

COSTA, Amanda Danelli. **Cidade, reformas urbanas e modernidade: o Rio de Janeiro em diálogo com João do Rio e Augusto Malta**. IN. “O historiador das coisas miúdas”: a crônica de João do Rio em diálogo. Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2011. P. 62-109. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21717/21717_4.PDF acesso 27/03/2017.

Cronistas do Rio - João do Rio. (Vídeo) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8NYRR57pVsk>, acesso em: 25/07/2017.

DESOTI, Luciane. Cantarin, Márcio Matias. **O gênero crônica e a valorização da leitura na escola**. Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3 Cadernos PDE, Volume 1, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utfpr_port_artigo_luciane_desoti.pdf. Acesso em 25/07/2017.

JORGE, Seu. **Problema social**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/seu-jorge/problema-social.html>, acessado em 25/07/2017.

LOPES, L. COSTA, M. LUCENA, A. **Alteridade e diferença na constituição das identidades em “as mariposas do luxo”, de João do rio**. 2 3. Ano VI, V.13, jan-jun de 2011 - ISSN 1980-8879 | p. 133-143.

PAULA, Déllin Ramos de. SOUSA, G. OLIVEIRA, R. **João do Rio: um flâneur às portas da modernidade**. Vocábulo: revistas de Letras e linguagens midiáticas.

Disponível em:

https://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/oitavo/9_rodrigo_marques_de_oliveira_volume_VIII.pdf . Acesso em:15/07/2017.

RIO, João do. **Alma encantadora das ruas**. Disponível em:
<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/rio-joc3a3o-do-a-alma-encantadora-das-ruas.pdf> . Acesso em:15/07/2017

SILVA, Jahi Cezar da. **O Rio de Janeiro nas crônicas de João do Rio: a produção literária como meio de acesso ao início do século XX da Capital Republicana**. In. Marcelo de Mello Rangel; Mateus Henrique de Faria Pereira; Valdei Lopes de Araujo (orgs). Caderno de resumos & Anais do 6º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas. Ouro Preto: EdUFOP, 2012. (ISBN: 978-85-288-0286-3).

SOUSA, Marcelo Lopes De. E Rodrigues, Glauco Bruce. **Planejamento urbano e Ativismos sociais**. São Paulo: UNESP, 2004.